



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Elia, Luciano

A transferência na pesquisa em psicanálise: lugar ou excesso?

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 12, núm. 3, 1999, p. 0

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18812315>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A Transferência na Pesquisa em Psicanálise: - Lugar ou Excesso?

Luciano Elia 1, 2, 3
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Nesta seção se abre um debate sobre o artigo de W. Bevidas *O excesso de transferência na Pesquisa em Psicologia Clínica* (neste volume). L. Elia argumenta que para falar de transferência na pesquisa em psicanálise é necessário, de início, situar a pesquisa no campo da experiência analítica. A metodologia de pesquisa deve então incluir a transferência como condição estrutural e, seguindo Freud, afirma que na execução da psicanálise investigação e tratamento coincidem. W. Bevidas, por sua vez, critica a premissa de que a experiência analítica seja a condição prévia da pesquisa em psicanálise e desenvolve a argumentação mostrando que uma certa modalidade de *quantificação* ou *tensividade* da transferência abre um precioso registro heurístico na pesquisa psicanalítica.

Palavras-chave: Transferência; experiência psicanalítica; pesquisa; excesso de transferência.

Abstract

In this section a debate about W. Bevidas' paper on *The Excess of Transference in Psychoanalytic Research* (in this volume) is started. L. Elia argues that in order to consider transference in psychoanalytic research it is necessary, in the beginning, to situate research in the psychoanalytic experience field. Research methodology, then should include the transference as a structural condition. Following Freud the paper affirms that in psychoanalysis execution investigation and treatment coincide. W. Bevidas, in his turn, criticizes the premiss of the analytic experience as a previous condition of research in psychoanalysis and develops his argumentation demonstrating that a certain modality of *quantification* and *tensivity* in transference opens up a precious heuristic dimension in psychoanalytic research.

Keywords: Transference; psychoanalytic experience; research; excess of transference.

Falar de transferência na pesquisa em psicanálise exige, como condição prévia, situar a transferência no próprio campo da experiência analítica. Como evidentemente um tal empreendimento não apenas já foi feito, como aliás *não cessa de sê-lo*, a cada vez que se trata da teoria e da clínica – tarefa absolutamente ininterrupta na produção da vasta e

PSICOLOGIA REFLEXÃO E CRÍTICA

prolixa literatura psicanalítica – privilegiaremos evidentemente, no âmbito do presente artigo, um recorte bastante específico e delimitado, nomeadamente um viés *metodológico*.

Sustentamos que a psicanálise não constitui simplesmente um "saber" a mais, entre outros, a integrar o rol daquilo que, a partir de uma velha discussão de ares epistemológicos, seriam as ciências (da "natureza" ou da "cultura") ou o campo dos saberes ditos não-científicos, pré-científicos, ou simplesmente indiferentes à cientificidade. Para nós, e seguindo Lacan, que foi quem o demonstrou, a psicanálise constitui um saber inteiramente derivado porém não integrante do campo científico, porquanto resulta de uma operação de "subversão" deste campo pelo viés do *sujeito*: Lacan afirma a existência de um sujeito da ciência, constituído no e pelo mesmo ato fundador da ciência moderna, com Galileu Galilei, e formulado por Descartes. Podemos dizer que, aquilo que se produziu como fundação da ciência no sentido moderno do termo, a Física moderna, empírica e matematizada (Galileu), corresponde uma elaboração filosófica que consiste em tirar as consequências deste ato por relação à subjetividade (Descartes). Esta "dobradinha" tem uma causa maior: se a ciência moderna abole, com seu gesto de violência conceitual desferida contra as evidências imediatas e perceptuais, a certeza que até então o homem podia ter quanto à consistência dessas evidências, o sujeito, assim abalado, sai de sua toca, desprende-se do fundo indiferenciado em que, crédulo, se mantinha, para desenhar seu contorno angustiado de dúvidas, perguntando-se: de que então posso estar certo? Exaurindo ao máximo todos os planos duvidosos, e radicalizando assim a função mesma da dúvida nascida deste abalo e elevada à condição *metódica*, Descartes responde: só posso estar certo de que penso, pois mesmo que disso duvide, ainda assim continuarei pensando.

Retomo aqui tais banalidades (e que o são porque demasiado conhecidas por todo aquele que conhece minimamente o mundo do pensamento humano) para recompor, com elas, a invenção do *Cogito*, e assim poder situar a psicanálise em relação à ciência.

O passo cartesiano inventa o sujeito da ciência, segundo Lacan comentado por Milner (1995), como um sujeito *sem qualidades*, sejam sensoriais, perceptuais, anímicas, morais, enfim, numa palavra, *empíricas*. Nas palavras de Milner, formulando a *hipótese do sujeito*: "há algum sujeito, distinto de toda e qualquer forma de individualidade empírica" (p.33). As qualidades fariam do sujeito assim constituído um indivíduo, efeito de revestimentos identificatórios e imaginarizantes do sujeito. Tais revestimentos são via de regra aquilo que as ciências ditas "humanas" tomam como objeto de estudo e investigação.

A ciência, por sua vez, por operar pela via do significante, tratando o real pelo simbólico, obriga à suposição de um sujeito (um sujeito é sempre o que é suposto pelo significante) sem qualidade alguma. Ora, dizer com Lacan que a psicanálise deriva do campo da ciência (não habitando, contudo, este campo) é dizer, como aliás ele também diz, que o sujeito com que opera a psicanálise – o sujeito do inconsciente – é precisamente um sujeito sem qualidades: "O sujeito com que operamos em psicanálise não pode ser senão o sujeito da ciência", dirá ele em *A Ciência e a Verdade* (Lacan, 1966b, p.858). É portanto insustentável que a psicanálise seja uma "ciência humana", não se tratando, nela, de forma alguma, do "homem" – sendo a própria noção de "ciências humanas" o efeito da "humanização" do sujeito constituído pela ciência moderna. Mas nem por isso a psicanálise seria uma ciência "física", ou "natural", uma *Naturwissenschaft*, como queria Freud, ao sustentar o que Milner (1995) denomina o *ideal de ciência*, que o leva a fazer da psicanálise a aspirante a uma *ciência ideal*, sob o modelo da Física. Por isso, a partir da obra de Lacan, podemos dizer que a psicanálise não mais cabe no campo da ciência. Esta, ao obrigar à suposição de um sujeito (sem as qualidades que lhe emprestarão as ciências humanas) o ejeta, contudo, de seu campo operatório, a fim de constituir-se como um saber (conceitual e matematizado) sobre o real (empírico). Um saber que supõe um sujeito, mas que não opera sobre ele, não o coloca em cena, em questão, fundando-se, antes, em sua exclusão do campo de sua incidência operatória.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

A Psicanálise, ao retomar uma *démarche* científica, vai subverter o sujeito suposto e excluído, a um só tempo, pela ciência, e trabalhar a partir da inclusão do sujeito no campo de sua experiência, inclusão que curiosamente se faz, não por acaso ou contingência, pela via do *inconsciente*: retirado da condição de excluído, condição própria ao *sujeito da ciência*, o sujeito da psicanálise só pode ser incluído como *sujeito do inconsciente*.

Poder-se-ia supor que as considerações feitas até aqui são de natureza estritamente *metodológica*, atributo que, pela significação que passou a ter no discurso corrente, sugere enganosamente que tais considerações nada teriam a ver com a experiência clínica da psicanálise (campo no qual a noção de *transferência* ganha toda a sua significação e valor). Para nós, contudo, o termo *metodologia*, na acepção que convém à psicanálise, concerne no mais íntimo grau à experiência psicanalítica, constituindo-lhe as vértebras e as condições de possibilidade de uma clínica psicanalítica. Assim, a questão da *transferência*, em sua relação com a *pesquisa em psicanálise*, não está tão distante quanto se poderia supor. Vamos diretamente a ela.

A partir do que foi dito – e até aqui nada dissemos além do que Lacan, e outros, como Milner (1995), que privilegiamos entre seus comentadores – já disseram, formulamos, por nossa vez, a hipótese de que, ao criar a regra fundamental da psicanálise, a sua *Grundregel* – a regra da associação livre –, Freud estabelecia as condições de acesso a um sujeito sem qualidades, exatamente como o da ciência, só que desta vez acessível (a regra fundamental, como dissemos, dá condições de acesso ao sujeito) e tornado *agente* da operação. O que significa convocar alguém a dizer tudo o que lhe vier à cabeça, independentemente de toda e qualquer ponderação ou consideração, vale dizer, de toda e qualquer *qualificação*? Não é essa regra a enunciação mesma da desqualificação do eu, da pessoa, de seus valores, de suas preferências, de seus constrangimentos morais, de seus sentimentos, percepções e sensações? Pela desqualificação de todas as características que compõem a individualidade empírica, Freud qualificava o sujeito do inconsciente, o sujeito que, ele próprio, é sem qualidades. E o convocava a aparecer.

Um tal passo momentoso contém, contudo, em sua estrutura temporal, um desdobramento, um hiato: Já tendo assim aberto o caminho do sujeito do inconsciente, e já estando este *a caminho*, Freud se vê portanto à espera das associações, ou seja, dos significantes, das recordações recalçadas, uma após outra, que poderiam enfim levar ao núcleo da neurose, por esta via meramente simbólica. Num tempo curto, mas ainda assim um tempo, em que o cientista insiste no analista, Freud visa o sujeito mas não o espera, não o prevê, não vê por onde ele vai chegar, e demanda a palavra, a cadeia associativa de palavras, o saber do inconsciente tomado então como capaz de esclarecer o real do sintoma. É tomado de surpresa quando o sujeito, em vez de lhe dar a palavra que ele cientificamente tanto insiste em obter, se lhe apresenta em ato, em afeto, em *transferência*. Rompendo o curso das associações, o sujeito se dirige a Freud, e lhe diria, se pudesse: "*Meu caro Dr. Freud, o inconsciente de que sou o efeito não tem outra forma de se dizer senão em ato: desculpe-me pelo mau jeito, mas não é a sua metodologia científica que vai poder ouvi-lo, admita esta minha transferência jogada assim um tanto abruptamente em cima do senhor, e não fique zangado comigo. A propósito, acho que o senhor não me recebeu hoje muito bem... deve estar zangado comigo, pois não vi em seu rosto o sorriso habitual*".

De fato, o cientista Freud, que demandava um significante após outro na série de *recordações*, até chegar ao objeto real que sua ciência visava explicar – o "núcleo patógeno da neurose", ficou um pouco "zangado" com a transferência, até que, da inigualável combinação de genialidade e sensibilidade que se chamou Freud, tenha podido emergir a superação da zanga e do impasse: "afinal, depois que tudo está dito e feito, nada pode ser destruído *in absentia* ou *in effigie*" (Freud, 1912/1969, p.143).

Oito anos depois, dirá Freud: "Vinte e cinco anos de intenso trabalho tiveram por resultado que os objetivos iniciais da psicanálise sejam hoje inteiramente diferentes do que eram no

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

começo. (...) a psicanálise era, então, primeira e acima de tudo uma arte interpretativa" (Freud, 1920/1969, p. 31). Poderíamos ler: a psicanálise já não é uma ciência explicativa, ela tem de levar em conta o real sob a forma de sujeito – a transferência – e não simplesmente o real para além do sujeito, ao qual o sujeito não seria mais que o veículo de acesso.

Que conseqüências tem tudo isso para a discussão acerca do lugar da transferência na pesquisa em psicanálise? Vamos à questão.

Sejamos francos: como poderia um campo de saber-e-prática (uma *práxis teorizada*, já se o disse muitas vezes) assim constituído admitir uma forma de pesquisa que não respeitasse, de modo axial, suas condições mesmas de constituição? Se a transferência não é, como procuramos demonstrar, um aspecto periférico, uma manifestação entre outras, ou mesmo uma *formação do inconsciente* (também entre outras), mas o viés mesmo pelo qual a vertente real do sujeito do inconsciente faz sua aparição no dispositivo da experiência psicanalítica, como sustentar uma prática de pesquisa, num campo como este, que não tivesse na transferência o eixo de seus modos de execução?

O que quer que seja uma *metodologia de pesquisa* em psicanálise, ela deve incluir a transferência entre as condições estruturantes (e estruturais) da pesquisa. Isto se torna ainda mais contundente sob a força das palavras de Freud (1913/1969): "a psicanálise faz em seu favor a reivindicação de que, em sua execução, tratamento e investigação *coincidem*." (p.152)

Mas, de que transferência se trata? Evidentemente, num primeiro nível, trata-se da transferência do sujeito ao analista-pesquisador. Poderíamos, nesse sentido, afirmar que só se pode fazer pesquisa em psicanálise *sob transferência*. Se tratamento e pesquisa coincidem, como afirma Freud, podendo ou não o analista elevar o tratamento que dirige à condição de uma pesquisa, querendo ele ou não tirar disso as conseqüências, e se a transferência é condição de tratamento, ela será igualmente uma condição de pesquisa, dedução esta que assume aqui a formulação de um silogismo.

Nesse ponto, cabe introduzir uma outra questão, não a da transferência sujeito da pesquisa com o analista-pesquisador, mas deste com os "mestres" da psicanálise, nomeadamente Freud e Lacan, tidos como portadores da verdade a ser incessantemente evocada a cada iniciativa de elaboração teórica sobre a experiência (clínica-e-de-pesquisa). Tal questão, na verdade, é objeto de um outro artigo que integra este volume (Beividas, 1999), e que motivou o nosso, como já indicamos na apresentação de nosso título, constituindo-o, em parte, como uma interlocução com o autor do referido artigo e com suas posições, interlocução aliás a que seu próprio escrito enseja e à qual convida, resultando um debate que nos parece salutar.

No artigo, sustenta o autor que haveria um "excesso de transferência na pesquisa em psicanálise", palavras aliás que compõem o título de seu artigo. A transferência cujo "excesso" é apontado e denunciado pelo autor é a transferência a Freud e Lacan, o fundador e o re-leitor, dois pilares da enunciação da verdade teórica inquestionável, sempre evocados e sempre repetidos pelos pesquisadores, discípulos e seguidores "excessivamente transferidos".

Uma primeira questão já se coloca na idéia trazida pela primeira palavra - "excesso" – que pressupõe alguma quantificação: como medir a transferência? E como definir o limiar a partir do qual ela se torna excessiva? Pareceu-nos, pelo desenvolvimento do texto, que aquilo que é nele denunciado como "excesso" – o assujeitamento cego e reiterado a ditos de Freud e Lacan – seria antes a distinguir como uma modalidade específica de transferência, modalidade que se traduz precisamente pela alienação aos ditos do Outro e sua conseqüente repetição, pela identificação fascinada, pela mera reprodução do que já foi pensado em dito pelos mestres oraculares. Ora, não é a transferência que pode ser aí excessiva, mas o

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

assujeitamento imaginário que caracteriza uma determinada posição do sujeito (no caso, o analista-pesquisador), num determinado modo da transferência.

Entretanto, na denúncia deste fenômeno – que efetivamente ocorre com frequência – é preciso cuidado para não desconsiderar certas questões que, no entanto, são essenciais à discussão da questão. O saber com que lidamos em psicanálise, sendo o saber do inconsciente, exige, como já dissemos, a transferência como modo de acesso. Tal exigência não poderia colocar-se exclusivamente no momento da pesquisa, confinada ao movimento do sujeito do saber em questão – o sujeito da pesquisa – em direção ao analista-pesquisador. É também exigível que a transferência se coloque no nível da transmissão que se efetua entre o analista-pesquisador e aquele ou aqueles que, para ele, encarnam o saber, situando-se como sujeito-suposto-saber (suposto, como todo sujeito, pelo significante, dirá Lacan (1967), e não por um suposto (outro) sujeito suponente – a suposição de saber não atesta intersubjetividade alguma – mas sempre em operação na transmissão do inconsciente).

Tal estruturação do campo do saber do inconsciente situa Freud, por exemplo, como uma referência, de certo modo, não-ultrapassável. Na psicanálise, não é, a rigor, possível dizer que Freud está "ultrapassado", possibilidade talvez presente em outros campos do saber, no científico, por exemplo. E por que Lacan? Será apenas pelo "conteúdo" de seu saber, de seu ensino, de sua doutrina? ou será também e antes de tudo porque, diferentemente dos outros "pós-freudianos", Lacan empreendeu seu saber, seu ensino e sua doutrina a partir de uma retomada do lugar a partir do qual Freud enunciava e elaborava a sua?

Podemos aqui evocar uma imagem que utilizamos em trabalho anterior (Elia, 1992): imagine-se um viajante caminhando através de uma floresta espessa, dirigindo-se, em sua caminhada, de modo decidido, em determinada direção, sem contudo conhecê-la; em algum ponto esta caminhada é interrompida; outros decidem prosseguir-la, e vemos que há duas formas de fazê-lo: pode-se prosseguir caminhando, a partir do ponto da interrupção, tomando qualquer direção, supondo-se que se está "prosseguindo" o caminho daquele que o iniciara, mas sem considerar a direção que até então norteara o trajeto, e pode-se proceder de modo inteiramente diferente: pode-se retomar o caminho percorrido até então, deixando-se afetar pela direção que ele tomava, e, ao prosseguir, deixar que o novo percurso seja afetado por esta direção. É óbvio que o caminho assim tomado não pode ser confundido com aquele que o viajante teria tomado caso não o tivesse interrompido, (lembremo-nos de que nem mesmo ele sabia muito bem onde ia com tanta determinação). O caminho tomado pelo segundo procedimento é, em todo caso, afetado pela direção primeira. Diremos que, neste caso, seguiu-se o trilho de uma transferência, e diremos que este segundo procedimento caracteriza a *démarche* de Lacan, diferentemente de outros pós-freudianos, que decidiram tomar direções variadas, fazendo "progredir" a psicanálise a partir daquilo que Freud "teria deixado de tratar", à maneira classicamente científica.

Levar em conta a direção freudiana, o dizer freudiano, e mesmo o dizer lacaniano, não equivale, portanto, a repetir os ditos de um e de outro. Retomar um lugar de dizer não é a mesma coisa que repetir os ditos, mas pelo, contrário, abrir a possibilidade de que ditos sempre novos possam se produzir. Dizer *de novo* (do mesmo lugar, uma vez mais) permite dizer *do novo*, dizer ditos novos. É nesse sentido que entendemos a convocação freudiana a tomar cada caso como se fosse o primeiro, preceito metodológico absolutamente não trivial, que exorta ao não uso do *saber acumulado* pela elaboração teórica e textual na abertura ao *ainda não sabido* que a clínica constitui a cada caso, e, dentro de um mesmo caso, a cada nova palavra do sujeito: a regra fundamental para o sujeito é dizer sem saber o que está dizendo e o que vai dizer, e para o analista é ouvir sem situar o seu saber já sabido na proa da escuta. Freud não está propondo que, a cada caso novo, se desfaça o que de psicanálise já se tenha feito, que se recomece, tal montanha de Sísifo, a produção da psicanálise. O que ele exige, ou o que, antes, dele é exigido e que ele nos transmite, é que a psicanálise, tal como já constituída por ele, opera deste modo.

PSICOLOGÍA REFLEXÃO E CRÍTICA

Assim também entendemos a exortação de Lacan segundo a qual cada analista é chamado a *reinventar* a psicanálise. Não se trata, evidentemente, para cada analista, de *inventar* uma psicanálise nova. O *re-*, partícula aliás bastante insistente nas noções e categorias psicanalíticas (como em *re-petição*, *re-construção*, *re-significação*, entre outras), vem designar o que de novo o analista cria (portanto, recria) se, por seu ato, ele se *autoriza* analista, isto é, ele se faz *autor* em sua experiência de analista, estando, pois, como autor, na posição de recriar a psicanálise. Mas ele só pode fazê-lo na medida em que ele disser *sim* aos significantes - e não simplesmente aos conceitos, que, estes, podem ser sempre aprendidos e aplicados, nas ciências puras e aplicadas, pelo puro e simples exercício rigoroso do estudo, sem necessidade de autorização e sem a exigência do ato - já constituídos, elaborados e estabelecidos na psicanálise. O *sim* que ele diz aos significantes da psicanálise, de Freud e de Lacan, atesta de sua transferência, não às pessoas de Freud e Lacan, mas precisamente aos seus significantes.

Não se trata, assim, de reproduzir o que Freud e Lacan disseram, o que caracteriza a prática do *dixit* a que se refere o autor do texto em questão. Se há tanto *dixit*, tal não é uma decorrência estrutural do *modus operandi* próprio à psicanálise, e tampouco, portanto, uma *condição de pesquisa* em psicanálise. Pelo contrário, a psicanálise exige sua reinvenção no caso-a-caso, e chegaríamos mesmo a dizer que em nenhum outro campo o significado da palavra *pesquisa* poderia ser tão radical: se pesquisar é ir em busca do que ainda não se sabe, não há campo mais radicalmente estruturado para isso do que o inconsciente, o que a própria materialidade literal da palavra *inconsciente* já diz. Não há *pesquisa de campo* em psicanálise, mas o *campo de pesquisa* que é o inconsciente. Mas, se não deve haver *dixit*, *transferência*, contudo, é preciso que haja. Neste sentido, a transferência é o contrário do *dixit*, na medida em que é só pela via da transferência que o sujeito acede ao saber do inconsciente, é só por meio dela que o sujeito pode vir a saber a que elementos significantes do inconsciente ele se encontra assujeitado.

O inconsciente, pela via da transferência, é, assim, o único viés pelo qual o sujeito pode desprender-se, separar-se, do Outro. Até que o inconsciente tivesse sido introduzido no campo do saber por Freud, o Outro permanecia, no mais absoluto sentido, estrangeiro ao sujeito, que se situava, assim, no mais radical exílio do saber, para ele inalcançável. O melhor exemplo desse exílio é Deus. A noção-chave de inconsciente permitiu ao sujeito, pela primeira vez na História, aceder ao saber até então exilado no Outro-Deus. Pensamos que é este um dos sentidos da afirmação de Lacan de que *Deus é inconsciente*. O inconsciente é, por assim, dizer, o Outro tornado saber acessível ao sujeito, desde que este se entregue à experiência pela qual ele poderá saber a que ponto do inconsciente ele está assujeitado, que ponto o determina como sujeito do inconsciente. E tal experiência, a experiência analítica, tem como condição de possibilidade a transferência.

Por isso, não se trata, a nosso ver, de colocar a questão da transferência que incide sobre a prática da pesquisa em psicanálise em termos de "excesso", mas interrogar a posição do analista-pesquisador na transferência que ele estabelece, ou seja, trata-se de saber se esta transferência é dirigida às *pessoas* de Freud e Lacan, ou aos *homens* Freud e Lacan, ou se ela é dirigida aos *ditos* e aos *significantes* de Freud e Lacan, que exigem, como sabemos, que estes os tenham dito, ou seja, que haja *dizer*, que se os *digam* (tais ditos). A análise desta posição em que se situa o analista-pesquisador determina a modalidade e o nível da transferência que ele estabelece com um e outro, com seus outros mestres e com o próprio saber constituído da psicanálise.

O autor de *O Excesso de Transferência na Pesquisa em Psicanálise* comenta, em dado momento do desenvolvimento de seu texto, o aforisma de Lacan – "Eu, a verdade, falo" (1966a, pp. 408-409) - que, por sua vez, ilustra uma outra afirmação lacaniana a respeito de Freud: "Freud soube deixar, sob o nome de inconsciente, a verdade falar" (1966b, p.868). Neste ponto, diz:

PSICOLOGIA REFLEXÃO E CRÍTICA

"Por mais que a meu ver deva-se reconhecer aí a prioridade da *coisa*, a verdade do inconsciente, por sobre a boca do *homem* (de Freud) que a diz, no entanto a psicanálise dos discípulos de Freud e de Lacan entronizou a ambos os *homens* nesse lugar de verdade. A pesquisa em psicanálise passou desde então a se mobilizar submissa ao argumento de *autoridade* (do autor); acabou por ficar subordinada a um circuito "transferencial, diria mesmo excessivamente transferencial, sob o regime do *dixit*: o inconsciente, a pulsão, o desejo, enfim a *coisa* toda é isso porque assim *dixit* Freud, ou é aquilo porque assim o corrigiu o *dixit* de Lacan" (Bevidas, neste volume).

Seriam os *homens* Freud e Lacan, e seus respectivos *dixit*, que se trata de entronizar? O que dizer da convocação de Freud de que se *tome cada caso como se fosse o primeiro*, o que interdita (e torna impossível) toda e qualquer mimetização do mestre, e a de Lacan a que cada psicanalista reinvente a psicanálise, tornando-se assim *autor*, por autorizar-se a isso, ambas já comentadas anteriormente neste artigo? Mas, por outro lado – e este é o ponto em que reside toda a sutileza e a dificuldade da questão – como seguir tais convocações sem estar em transferência com Freud e Lacan, se é pela boca de um (Freud) que a *coisa* fala a verdade e se é pelo dizer do outro que a convocação é feita?

O autor fala de submissão e de subordinação, no trecho citado acima. Dizer sim ao inconsciente implica sérias consequências, entre as quais dizer sim ao fato aparentemente paradoxal de que, quanto mais assujeitado (ao significante), mais ativamente desejante é o sujeito. E isto porque – conforme o dizer (e não extamante o *dixit*) de Lacan – o sujeito é efeito do significante. Efeito curioso de uma coisa estranha: o significante é uma coisa tal que seu único efeito é um sujeito, o que quer dizer que seu único efeito é um ato. Estamos habituados pela lógica convencional a pensar que a causa é o que há de ativo, e o efeito o pólo passivo, que sofre a ação (a atividade) da causa. No que concerne ao inconsciente, ao sujeito (do inconsciente) e portanto ao nosso campo, a psicanálise, as coisas se passam de outro modo: o significante é algo que, por ser desarrazoado e não ter sentido, só pode convocar ao ato que o faz valer, e este ato chama-se sujeito. Por isso, quanto mais assujeitado (ao significante), mais capaz do ato é o sujeito, ao este que repete sua fundação enquanto sujeito do significante, sujeito do desejo.

A primeira resposta do sujeito a esta convocação do significante é fantasmática, e se configura como demanda de amor. Na análise, o amor de transferência é a resposta do sujeito às incidências do significante inoculadas pelo desejo do analista, e sabemos desde Freud que esta resposta é resistencial ("a transferência surge porque *serve* à resistência" dirá Freud, 1912/1969, p.138). Mas a resistência faz parte da análise e só a análise, via transferência, poderá promover a operação pela qual o sujeito virá a dar-se conta de que ama (alguém) e pede amor (a alguém) para não se entregar à sua condição de sujeito do desejo, assujeitado ao significante inconsciente que determina este desejo, apenas porque não é capaz de designá-lo.

Assim, se os psicanalistas aderem imaginariamente aos *dixit* freudianos e lacanianos, e entronizam os *homens*, as *pessoas físicas* de Freud e Lacan, e se isso traz tantas e tão nefastas consequências para a prática da pesquisa em psicanálise, é por não terem podido descolar-se do plano da transferência imaginária, fascinada, reprodutiva, dirigida a homens e pessoas. Isto quer dizer que a análise poderá lhes dar algumas chances de descolamento do imaginário dos *dixit* e de deslocamento para o real dos *dizeres* que ex-sistem (Lacan, 1972) ao plano simbólico dos *ditos*. Mas se, ao invés disso, esses analistas proclamassem a sua independência (de fato, há os analistas que se querem "independentes") e a autonomia de seu pensamento e de suas pesquisas em relação aos significantes da psicanálise, creio que pouca chance haveria de produzirem pesquisa efetivamente frutífera e consequente no campo da psicanálise.

Trata-se, portanto, de saber se o que está em jogo na pesquisa é uma transferência

PSICOLOGÍA REFLEXÃO E CRÍTICA

imaginária, voltada à identificação e ao amor ao Pai, à demanda desmedida de reconhecimento pelo Outro encarnado em Freud e Lacan, ou uma transferência em análise, ou da análise da transferência, a que Freud deu o nome de *Durcharbeitung*, o trabalho da transferência, que pode conduzir a uma transferência de trabalho (e de pesquisa). Combater o suposto "excesso" de transferência é acreditar que, reduzida, esta transferência "atrapalharia" menos a pesquisa, tornando-a menos pobre, pífia, servil e redundante, deixando intacto o gritante fato de que, muita ou pouca, reduzida ou excessiva, a transferência em sua vertente de amor e de identificação é, desde Freud, desde sempre, uma resistência.

1 Este artigo teve seu primeiro mote a partir da leitura de um outro, *O Excesso de Transferência na Pesquisa em Psicanálise*, de Waldir Bevidas, publicado no presente volume, em relação ao qual pretende estabelecer o início de um debate.

2 Psicanalista, Pós-doutorando em Psicanálise pela PUC-Rio, Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-Rio, Professor Adjunto do Instituto de Psicologia da UERJ, Coordenador Adjunto do Mestrado em Psicanálise (Pesquisa e Clínica em Psicanálise) da UERJ, Membro do Laço Analítico Escola de Psicanálise, Sede Rio de Janeiro.

3 Endereço para correspondência: R. Estácio Coimbra, RJ. E-Mail: laep@rio.com.br

Referências

Bevidas, W. (1999). O excesso de transferência na pesquisa em psicanálise. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12, 661-679.

Elia, L. (1992). *Para além da sexualidade: A psicose na Psicanálise*, Tese de Doutorado não publicada. Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

Freud, S. (1969). A dinâmica da transferência, Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. XII. pp.133-143. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1912)

Freud, S. (1969). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XII. pp 149-159) Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913)

Freud, S. (1969). Além do princípio do prazer, Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII. pp.17-85). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920)

Lacan, J. (1966a). La Chose Freudienne ou Sens du Retour à Freud en Psychanalyse. *Écrits*, 401-436. Paris, Éditions du Seuil.

Lacan, J. (1966b). La Science et la Vérité. *Écrits*, 855-877. Paris, Éditions du Seuil.

Lacan, J. (1968). Proposition du 9 Octobre 1967 sur le psychanalyste de l'Ecole. *Scilicet*, 1, 14-30. Paris: Editions du Seuil.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

Lacan, J.(1972). L'Etourdit. *Scilicet*, 4, 5-54. Paris: Editions du Seuil.

Milner, J.-C. (1995). *L'œuvre Claire*. Paris: Éditions du Seuil.

Sobre o autor:

Luciano Elia é psicanalista, membro fundador e Diretor do Laço Analítico Escola de Psicanálise, membro analista e Coordenador de Cartéis da Sede do Rio de Janeiro desta instituição, Professor Adjunto do Instituto de Psicologia e Coordenador Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise (Mestrado) com área de concentração em Pesquisa Clínica em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Coordenador do Curso de Especialização em Clínica Psicanalítica (CECLIP), Supervisor Clínico e Pesquisador do CAPSI (Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil Pequeno Hans), membro fundador e Diretor-Científico da APPEC (Assistência e Pesquisa em Psicologia, Educação e Cultura).
